

Na luta para conquistar o ouro

Rafaela Ely

Judoca cega do Grêmio Náutico União foi convocada pela Seleção Brasileira Paralímpica para participar de avaliações para os Jogos Olímpicos do Rio em 2016

Luíza Guterres Oliano, 15 anos, acredita que nada é empecilho para que ela chegue ao sonho de conquistar uma medalha olímpica. Nem mesmo sua deficiência visual. Ela treina diariamente das 18h30min às 22h, no Grêmio Náutico União, e participa de treinos técnicos duas vezes por semana e eventuais práticas para cegos aos fins de semana organizados pela Associação de Cegos do Rio Grande do Sul (Acergs).

Tanto esforço teve recompensas. Em 2011, ganhou duas medalhas de ouro no Gran Prix de Judô para Cegos, representando a Associação. Em julho, vai representar o grupo no Mundial de Jovens da Federação Internacional de Esportes para Cegos (IBSA, na sigla em inglês), em campeonato nos Estados Unidos. Além disso, foi convocada pela Seleção Brasileira Paralímpica, em março, para participar de um período de avaliações para os Jogos Olímpicos do Rio em 2016.

Para alcançar a desejada vaga Olímpica, Luíza diz que ainda deve evoluir. “Estou motivada, mas tenho de melhorar vários aspectos na minha luta, principalmente a técnica”, ressalta. Mesmo que a competição seja só daqui três anos, já existe uma expectativa a respeito da atleta. “Estamos muito ansiosos pela Lu, tentamos dar o máximo de atenção para ela”, conta a professora Ivoni Labres. Luíza, que ainda é faixa marrom, pretende fazer o teste para faixa preta até o início de 2014.

Leandro Freire, professor e responsável pela equipe de competição do GNU, conta que a presença de Luíza melhorou a convivência dos outros atletas da equipe. “Temos um grupo bem unido, somos quase uma família, e a Lu veio para acrescentar a solidariedade nessa nossa dinâmica”, comenta. De acordo com Ivoni, os atletas demoraram um pouco para se acostumar com a presença da judoca cega, mas, agora, todos têm cuidados com ela e a auxiliam nos exercícios. Para ela, a amizade é um ponto forte nos treinos. “Eu gosto de vir aqui, gosto de judô e gosto dos meus amigos”, explica.

A atleta acredita que o esporte tenha ensinado valores para fora dos tatames, sobretudo, a disciplina. Fora o treino e os estudos (Luíza estuda no primeiro ano do Ensino

Médio no Instituto Santa Luzia), a jovem gosta de sair com os amigos, ficar no computador e jogar videogame.

Além do apoio dos colegas e professores, Luíza conta que é muito incentivada por sua família. “Minha mãe não gostava muito da ideia de eu fazer judô, mas agora ela adora”, diz ela, sorrindo. Luíza mora com a mãe e o padrasto na rua Getúlio Vargas, bairro Menino Deus. Todos os dias, ela vai e volta para os treinos de carro com um deles. O pai mora na praia de Magistério, distrito de Balneário Pinhal, mas a distância não impede que ele acompanhe a carreira da filha. “Sempre que tem competição na praia, ele vai. “Ele fica feliz de ver uma pessoa assim como eu, que não enxerga, lutando. Mas agora ele vem morar em Porto Alegre e vai ser mais fácil”, salienta Luíza.

Exemplo de dedicação

Natural de Uruguaiana, Luíza nasceu prematura, com seis meses. Ainda bebê, mudou-se para Porto Alegre. Ela conheceu o judô aos seis anos. “Um professor foi ao colégio mostrar como era o esporte, e eu gostei”, relembra. Iniciou a prática da arte marcial no Grêmio Náutico Gaúcho, onde ficou até o ano passado. Lá, começou a participar dos campeonatos da escolinha, e já na faixa azul, filiou-se na Federação Gaúcha de Judô.

Hoje, disputa campeonatos tanto entre deficientes visuais quando entre atletas que enxergam. O professor Leandro acompanhou quase toda trajetória de Luíza como judoca. Para ele, o grande diferencial dela é treinar com atletas que enxergam. “A Lu tem muita força de vontade, para ela não existe dificuldade”, afirma Leandro. “A deficiência, que acompanha desde pequena, não vai impedi-la de fazer o que gosta. Ela tem uma paixão muito grande pelo judô. Para melhorar, topa tudo. Nunca está cansada, está sempre disposta a lutar. Às vezes, temos, inclusive, de falar para ela descansar”, acrescenta Ivoni.